



RESISTÊNCIA NA LUTA PELOS DIREITOS E POR UM SERTÃO JUSTO

Em 2017 o MOC comemorou 50 Anos da sua história, resistindo ao propósito de promover inclusão social de sujeitos comumente excluídos dos processos de cidadania. Durante esse trajeto cinquentenário, o MOC não caminhou sozinho, mas solidariamente contou e conta com a força e a coragem de pessoas movidas pelo desejo de mudanças/melhorias na realidade onde vivem, e, ainda com o apoio técnico e financeiro de diversas organizações parceiras que compartilham dos mesmos ideais de justiça social.

Uma dessas parcerias do MOC é com a ActionAid Brasil, e se baseia na Abordagem de Luta por Direitos. Vale ressaltar à luz da Declaração dos Direitos Humanos (1948), que: "todas as pessoas, mulheres e homens, nascem livres e iguais em dignidade e direitos... (artigo I), [...] sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição (artigo II).

A Abordagem Baseada nos Direitos Humanos se fundamenta na perspectiva de que esses direitos são conquistas sociais e o acesso a eles promovem melhorias na vida das pessoas. Essa abordagem se estrutura em pilares como **empoderamento** dos sujeitos, **solidariedade** entre as pessoas, **incidência política** com mobilização e participação social, compartilhamento de saberes e de **alternativas para gerar mudanças** e promover a justiça.

Para a sustentação dos pilares supracitados, se faz necessário o **aumento da capacidade** de todos/as, o **fortalecimento da consciência das pessoas sobre seus direitos**, o desenvolvimento de uma **consciência crítica sobre a realidade** (suas causas e consequências) e ainda, a **organização e mobilização dos sujeitos** para que as mudanças se concretizem.

Para o MOC, o empoderamento e protagonismo dos sujeitos de direitos são chaves que abrem caminhos para as mudanças significativas, visto que na abordagem dos direitos humanos, 'as pessoas e seu poder de incidência' estão no centro da luta por direitos. As histórias narradas no presente Bocapiu, demonstram esse trajeto de luta pessoal e coletiva; de tomada de consciência; de andanças por uma rota de mudanças e busca de melhorias, não somente para si, mas solidariamente para outras pessoas nas comunidades.

A história narrada pela educadora Ednalva de Oliveira, suas confissões acerca das mudanças geradas na sua prática político pedagógica, seus diálogos estabelecidos com a escola e as famílias, que reafirmam o querer bem à escola que 'valoriza as pessoas e o lugar', ratifica a máxima freiriana "educação não transforma o mundo, educação muda pessoas e pessoas transformam o mundo".

A narrativa de liderança feminina Arleide do Carmo, é igualmente relevante para demonstrar o quanto poder as pessoas tem para gerar transformações. Ao afirmar que ganhou mais força, experiências e começou a entender que a luta das mulheres precisava se fortalecer e ainda que conseguiram constituir uma rede municipal de enfrentamento à violência contra as mulheres, ela assegura que houve uma tomada de consciência individual e coletiva e isso abriu caminhos para gerar mudanças na sua vida e na vida de outras mulheres.

O MOC celebrou seus 50 anos e continua construindo sua história, no entendimento de que ela só faz sentido se contribuir com a história de mudança na vida das pessoas. Desse modo, com as pessoas seguirá resistindo na luta pelos direitos, porque essa é condição básica na construção de um Sertão Justo.

Maria Vandalva Lima de Oliveira
Coordenadora Pedagógica do MOC

Bocapiu

contando experiências por um sertão justo

Conquistas de direitos transformam

vidas no Semiárido



Expediente

Apoio



Conquistas de direitos transformam vidas no Semiárido



**Ednalva
de Oliveira Almeida**

município de Nova Fátima

“Eu, Ednalva de Oliveira Almeida, mãe, esposa, moradora do campo e educadora da rede municipal, no município de Nova Fátima-BA, trabalho na Escola Antônio Machado, que fica localizada no campo, na comunidade do Sereno, cerca de 6 km da sede. Estou nessa escola há mais de 10 anos e sou apaixonada pela Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido, já tenho alguns anos de docência, mas confesso que a minha prática tem melhorado muito depois que abracei os projetos CAT e Baú de Leitura, pois através das formações, que venho tendo oportunidade de participar desses espaços de troca de saberes, promovido pelo Movimento de Organização Comunitária - MOC.

Essas formações têm contribuindo muito para meu crescimento, tanto profissional quanto pessoal. Por isso, vale ressaltar que pedagogicamente melhorei muito, já que tenho mais facilidade de mediar as aulas em uma turma multisseriadas, no qual têm crianças de 03 (três) a 12 (doze) anos e essas crianças vem tendo um desempenho melhor.

Confesso que antes de ter o CAT e o Baú de Leitura na minha escola, trabalhava meio desmotivada sem ter um rumo, queria logo que as horas passassem para finalizar a aula. Na escola também não tinha uma direção que animasse a mim e a turma, era um pouco tradicional, mas hoje até as famílias me fazem acreditar que meu trabalho é rico, produtivo e inovador, pois têm famílias que saem da sede do município para à comunidade onde trabalho, para trazer seus filhos para estudarem aqui na nossa escola. E quando pergunto para elas porque fazem tanto esforço para trazerem seus filhos, elas responde: “É porque a escola trabalha com projetos, que valoriza as pessoas e o lugar, na qual as crianças ficam alegres e também nós observamos que o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças são cada vez melhor”.

Quero lembrar que leciono em turmas multisseriadas e sem o apoio desses projetos, dificultaria muito o meu trabalho, já que é através deles que tenho a oportunidade de participar de

diversas oficinas, intercâmbios e formações, as quais me fazem crescer, fortalecer e inovar minha prática, formações que tem me ajudado bastante, pois todas foram riquíssimas.

Através dos projetos com o MOC, a nossa escola foi contemplada com uma cisterna na escola, a qual colaborou muito com a nossa comunidade, tanto no âmbito do abastecimento de água, quanto com mais conhecimento, a partir das formações que ocorreram para todos da escola (merendeira, coordenação, comunidade e professora). Houve melhoras também na área da saúde, pois mudamos a forma de cuidar das nossas cisternas e o tratamento com a água da escola, bem como em nossas casas. Foi também através das formações que aperfeiçoei a minha aprendizagem e tenho passado para alunos/as, famílias e comunidade.

Essa troca de experiência está sendo significativa para o nosso crescimento, as famílias estão mais presentes na escola, cuidam mais da mesma e hoje posso afirmar que as famílias são parceiras, onde há troca de saberes, elas cuidam melhor da escola e ela as acolhem e assim multiplicamos saberes e transformamos a realidade local.

Esperamos que nunca terminem essas formações, que o MOC vem fazendo nesses anos, pois as mesmas ajudam muito, não só na prática pedagógica, como também na relação com as crianças, famílias e comunidade. Hoje, posso falar que a minha escola e comunidade estão transformadas, porém necessitam de melhorias contínuas”.



**Arleide
do Carmo de Oliveira**

comunidade de Pilões
município de Riachão do
Jacuípe

“Desde meus 15 anos de idade, venho participando das ações sociais da minha comunidade, começando pela atuação na pastoral da juventude, depois como secretária da Associação Comunitária de Pilões e daí então, comecei também a participar das reuniões promovidas pelo Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais do meu município.

Ao longo de minha caminhada fui percebendo, que a ausência de políticas públicas, onde pudesse contribuir para o fortalecimento da autonomia e empoderamento, tornava a vida das mulheres bem difícil. Me lembro, que durante as reuniões onde as mulheres participavam, elas relatavam que costumavam andar até 06 quilômetros, com uma lata na cabeça para buscar água nas fontes e açudes da região, para beber e cozinhar os alimentos, água essa que adoeciam seus filhos/as, pois não tinha tratamento.

Além da falta de água, as mulheres sofriam bastante, por conta das amarras perversas do machismo, que as obrigavam a ficar durante todo tempo em casa para cuidar da casa, dos filhos e do esposo, pois para os homens era assim que deveria ser.

Em 2014 fui assumir a Coordenação da Secretaria de Mulheres do Sindicato. E neste mesmo ano, continuamos com apoio e acompanhamento do Movimento de Organização Comunitária – MOC, através do Projeto Parceiro/as por um Sertão Justo e do Programa Local de Direito – PDL, apoiado pela ActionAid Brasil. Essa parceria vem contribuindo muito para mudanças na minha vida e também na vida de outras mulheres rurais do município de Riachão do Jacuípe, daí passamos a participar de diversas ações, como reuniões de planejamento e monitoramento, rodas de conversas, seminários, audiências públicas com diversas temáticas, principalmente sobre Gênero, políticas públicas, violência contra as mulheres, participação sociopolítica e fortalecimento dos conselhos municipais.

Foi daí que ganhei mais força, experiências e comecei a entender que a luta das mulheres precisava se fortalecer. Passamos a convidar as mulheres agricultoras familiares,

filiadas ao sindicato e mães das crianças e adolescentes, das ações do PDL para participarem das ações promovidas, pelo sindicato e pelo MOC. Comecei também a participar, tendo voz mais ativa nos conselhos, conferências Municipais, Territoriais e Nacional, das frentes de lutas pela democracia e direito das Mulheres, juntamente com outras companheiras do município. Participamos também da Marcha das Margaridas em Brasília-DF e nesses espaços, sempre que possível, apresentava as demandas das companheiras. Daí comecei também a entender, que basta a gente querer e lutar para as coisas acontecerem na vida da gente.

As ações em parceria com o MOC e a ActionAid em nosso município trouxe diversos avanços, no campo do enfrentamento a violência contra as mulheres, por exemplo, houve maior divulgação e compreensão das mulheres acerca dos tipos de violência, entendimento sobre a Lei Maria da Penha e demais mecanismos de proteção, daí conseguimos constituir a rede municipal de enfrentamento à violência contra as mulheres, envolvendo os principais organismos detentores de deveres do município, tais como: Poder Público, Sociedade Civil e Judiciário.

Notamos que depois da constituição e atuação dessa rede, houve um aumento de 80% das denúncias e também do atendimento relacionados aos casos de violência contras as mulheres, no município. As mulheres em situação de violência atendidas e acompanhadas pela rede, passaram a entender melhor seu papel enquanto sujeito de direitos e a ter mais coragem para denunciar.

A atuação do MOC através do PDL tem motivado e apoiado às lutas das mulheres, que passaram a se organizar em instâncias próprias, como o Coletivo de Mulheres, das associações comunitárias e dos grupos de produção e empreendimentos da economia solidária.

Antes dos projetos e ações desenvolvidas pelo MOC, muitas de nós vivíamos só cuidando da casa, dos filhos, do marido e da roça, na maioria das vezes éramos obrigadas a sair de madrugada para pegar água, nas propriedades dos fazendeiros da região para beber e cozinhar. Agora, graças a Deus e às ações que visam a convivência com o Semiárido, apoiadas pelo MOC e suas parcerias com a ASA e ActionAid, além das cisternas de consumo, temos também cisternas de produção e cisternas nas escolas onde estudam os nossos filhos.

O projeto melhorou muito nossa vida, de toda a nossa família e da comunidade. Além das cisternas, temos também outros projetos, com ações de incentivo à produção e fortalecimento da agricultura familiar, Assistência Técnica, Educação do Campo Contextualizada e Programas e comercialização como PAA e PNAE. Hoje, estamos cada vez mais fortalecidas, pois entendemos que juntas podemos mudar a nossa realidade e também a realidade de outras companheiras”.